



RÚSSIA / Influência de Moscou na arena internacional envolve expansão territorial, com a anexação da Crimeia, ameaças à Ucrânia e apoio aberto a regimes autoritários. Estado russo é acusado de usar mercenários em diferentes regiões do planeta

As garras do Kremlin

» RODRIGO CRAVEIRO

Em novembro de 2016, o presidente russo, Vladimir Putin, participou de uma cerimônia televisivada de premiação a estudantes de geografia, quando perguntou a um garoto de 9 anos onde terminavam as fronteiras da Rússia. O menino não se fez de rogado e respondeu: “No Estreito de Bering, perto dos Estados Unidos”. Putin caiu na gargalhada e rebateu de forma reveladora. “As fronteiras da Rússia não acabam em lugar nenhum”, afirmou, antes de acrescentar que era uma piada. Comparado a um czar por sua concentração de poder, Putin provavelmente se referiu ao caráter quase que onipresente da Rússia.

A influência do Kremlin ocorre por meio de ações oficiais, como as alianças polêmicas — com a Bielorrússia, de Alexander Lukashenko, ou a Venezuela, de Nicolás Maduro — e a pressão militar sobre a Ucrânia; e de ações clandestinas, como a utilização de hackers e de paramilitares. Moscou também é acusada de apoiar insurgentes na Síria e no leste da Ucrânia. Há suspeitas de que o establishment russo recruta, ou ao menos apoia, mercenários em distintos conflitos armados, na Líbia, no Mali, na República Centro-Africana, no Sudão, no Zimbábue, em Angola, em Moçambique e em Guiné-Bissau.

As eleições presidenciais norte-americanas de 2016, que levaram o magnata republicano Donald Trump à Casa Branca, expuseram a ameaça cibernética. Hackers supostamente vinculados ao governo Putin teriam interferido no sistema eleitoral de uma das democracias mais sólidas do planeta. Durante encontro com Trump, em julho de 2018, Putin disse que “o Estado russo nunca interveio, e jamais intervirá, em assuntos internos dos Estados Unidos, incluindo o processo eleitoral”. No entanto, as agências de inteligência de Washington coletaram informações que apontam o contrário.

Chefe do Programa de Política Doméstica Russa do Carnegie Endowment for International Peace (em Moscou), Lilia Shevtsova explicou ao **Correio** que, apesar de a Rússia tentar se firmar como ator global, ela carece de recursos para uma agenda substancial. “Dessa forma, temos visto esforços do Kremlin em vários países, mas sem muito sucesso. É assim que a Rússia preserva seu status de grande potência”, afirmou. De acordo com Shevtsova, tudo é uma questão de política e de influência, além de dinheiro e de recursos, em alguns casos. “Mas não com a ideologia vista durante os tempos da União Soviética.”

“Homens de verde”

Uma das facetas mais obscuras da influência russa sobre outros países envolve suspeitas em torno do chamado Grupo Wagner, que teria sido criado sob a fachada de empresa de segurança privada. Fundado pelo oligarca Yevgeny Prigozhin, ganhou holofote durante o conflito na Ucrânia, em 2014, quando seus

Grigory Sysayev/Sputnik/AFP



O presidente Vladimir Putin discursa durante cerimônia de entrega das credenciais de embaixadores, em Moscou

Genya Savitov/AFP



Soldado ucraniano utiliza lança-granadas contra separatistas pró-Rússia

membros eram conhecidos como “os pequenos homens de verde”. A União Europeia (UE) acusa o Grupo Wagner de ter “implementado políticas que minam ou ameaçam a integridade territorial, a soberania e a independência da Ucrânia”.

Na Síria, os mercenários teriam treinado e comandado as forças do presidente Bashar Al-Assad e as milícias aliadas do regime. Documentos obtidos pelo site *Politico* revelam que a UE prepara sanções contra oito pessoas e quatro entidades ligadas ao Grupo Wagner, suspeito de tortura e execuções sumárias.

Shevtsova admite que o Grupo Wagner age sob o escudo do Estado. “Ele empreende ações quando o Estado oficial não deseja intervir. Pode representar

ameaça para outros países. Em algumas nações, entretanto, serve ao governo local como força de segurança.” O think tank Carnegie Moscow Center referiu-se ao Grupo Wagner como “o segredo mais mal guardado da Rússia”.

Em entrevista ao **Correio**, a croata Jelena Aparac — chefe do Grupo de Trabalho da Organização das Nações Unidas sobre o Uso de Mercenários — explicou que os cinco membros de sua equipe analisaram a Rússia, Vladimir Putin, comentou a tragédia e manifestou suas condolências a Casa Branca, Putin afirmou que “a Rússia compartilha da dor daqueles que perderam seus entes queridos por conta deste desastre. Esperamos que as vítimas se recuperem e que as consequências deste desastre possam ser superadas rapidamente”, informou o Kremlin.

O papa Francisco lamentou as mortes e, durante a cerimônia do Angelus de ontem, fez uma oração pelos afetados. “Rezo também pelas vítimas do tornado que atingiu o Kentucky e outras áreas dos Estados Unidos da América”.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Não quero ser cínica, mas todos os atores-chave da política externa utilizam ações clandestinas. As atitudes do Kremlin são determinadas pela mentalidade de suas atuais estruturas militares.”

Lilia Shevtsova, chefe do Programa de Política Doméstica Russa do Carnegie Endowment for International Peace (em Moscou)

atores com características de mercenários. Estão envolvidos na obscuridade”, observou. “Um deles é o Grupo Wagner. Relatos partilhados com o nosso Grupo de Trabalho sugerem que, em alguns casos, a facção foi comandada por ex-membros das Forças Armadas da Rússia. É difícil definir o Grupo Wagner como organização paramilitar, companhia militar privada ou força semiestatal.”

Segundo Aparac, em 2018, jornalistas que investigavam a facção morreram em condições suspeitas. Ela salientou que o Grupo Wagner também pretende gerar lucro por meio de combates. “Em alguns casos, empresas de guerrilha privadas são contratadas por um Estado”, observou.

Depoimento

Demanda por atores armados

“A complexidade dos novos conflitos armados exige apoio à ideia da necessidade crescente de atores não armados. Estados usam os atores não estatais, como os mercenários do Grupo Wagner, como se fossem uma empresa de segurança privada. Fornecer um apoio intermediário a um conflito cria uma distância entre um Estado interventor e um ator apoiado. Isso obscurece o papel e a responsabilidade do Estado. A intenção dele é se evadir da responsabilidade internacional.”

O Grupo de Trabalho da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o Uso de Mercenários é parte dos procedimentos especiais estabelecidos pelo Conselho de Direitos Humanos, o qual designa especialistas independentes para observarem pontos específicos sobre a questão dos direitos humanos. Somos, ao todo, cinco membros, cada um procedente de uma região diferente — África, Ásia e Pacífico, América Latina e Caribe, e Europa.

Cumprimos dois mandatos de três anos de duração, cada. Temos dois focos: os mercenários e as operações de companhias de segurança privadas. Devemos dedicar nossas atenções aos dois aspectos do mandato. Monitoramos as atividades de mercenários em todas as suas formas e manifestações em diferentes partes do planeta. Também identificamos os impactos dos mercenários nos direitos humanos, no direito internacional e na autodeterminação dos povos.”

Jelena Aparac, chefe do Grupo de Trabalho da ONU sobre o Uso de Mercenários

Arquivo pessoal



ESTADOS UNIDOS

Governo intensifica buscas por vítimas

» MICHEL MEDEIROS
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

A busca por sobreviventes das tempestades que devastaram o sudeste dos Estados Unidos na noite de sexta-feira (10) foi intensificada ontem. Embora ainda não exista um dado oficial, estima-se que, pelo menos, 94 pessoas tenham perdido a vida em virtude dos tornados que atingiram seis estados dos EUA. O Kentucky foi o mais afetado e, de acordo com as autoridades norte-americanas, o rastro de destruição é superior a 200 milhas (320 quilômetros).

Com pouco mais de 10 mil habitantes, Mayfield foi praticamente varrida do mapa, como afirmou o governador do Kentucky, Andy Beshear. “A devastação é incomparável com tudo o que já vi na minha vida e mal consigo encontrar palavras para descrevê-la”, avaliou.

Na hora da tempestade, o teto de uma fábrica de velas desabou. Dos 110 funcionários que estavam no local, cerca de 40 foram resgatados, os demais ficaram presos sob a estrutura. Ontem, o governador anunciou que ao menos 80 pessoas morreram em Kentucky. Mas estima que o número total pode superar uma centena de pessoas.

No Illinois, as equipes de resgate intensificaram a operação em busca de sobreviventes após o desabamento de parte do galpão da Amazon. Até a noite deste domingo, foram confirmados seis óbitos no local.

No Arkansas, duas pessoas morreram e 20 ficaram feridas após o desabamento de um abrigo para idosos. No Tennessee, foram registradas quatro mortes e o estado do Missouri reportou duas vítimas fatais. Não há registros de óbitos no Mississippi. As mortes fora do Kentucky já somam 14 pessoas.

O presidente Joe Biden afirmou tratar-se de uma tragédia inimaginável e prometeu que “o governo federal fará tudo o que puder para ajudar”. O chefe da Casa Branca classificou as tempestades como “uma das piores séries de tornados” do país.

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, comentou a tragédia e manifestou suas condolências a Casa Branca, Putin afirmou que “a Rússia compartilha da dor daqueles que perderam seus entes queridos por conta deste desastre. Esperamos que as vítimas se recuperem e que as consequências deste desastre possam ser superadas rapidamente”, informou o Kremlin.

O papa Francisco lamentou as mortes e, durante a cerimônia do Angelus de ontem, fez uma oração pelos afetados. “Rezo também pelas vítimas do tornado que atingiu o Kentucky e outras áreas dos Estados Unidos da América”.

AFP



Epicentro da tempestade, Mayfield foi praticamente varrida do mapa